



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DCE  
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA**

**TAIZA DA SILVA GOMES**

***BULLYING X APRENDIZAGEM: família e escola no combate a  
violência escolar***

GUARABIRA – PB  
2012

**TAIZA DA SILVA GOMES**

***BULLYING X APRENDIZAGEM: família e escola no combate a  
violência escolar***

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de licenciatura plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia sob orientação da Professora Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

G633b Gomes, Taiza da Silva

Bullying x aprendizagem: família e escola no  
combate a violência escolar / Taiza da Silva Gomes.  
– Guarabira: UEPB, 2012.

24f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação  
em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Mônica de Fátima Guedes  
de Oliveira”.

1. Bullying 2. Escola 3. Família I.Título.

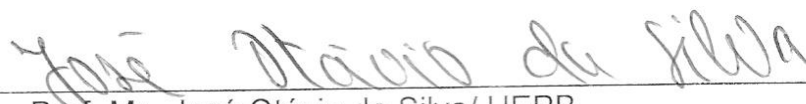
22.ed. 371.58

**TAIZA DA SILVA GOMES**

***BULLYING X APRENDIZAGEM: família e escola no combate a  
violência escolar***

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de licenciatura plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia sob orientação da Professora Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.


Aprovada em: 26/06/2012



Prof. Ms. José Otávio da Silva/ UEPB  
Orientador



Prof<sup>a</sup>. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira/ UEPB  
Examinadora



Prof<sup>a</sup>. Ms. Silvana Lúcia de Araújo Silva/ UERN  
Examinadora

## ***BULLYING* X APRENDIZAGEM: família e escola no combate a violência escolar**

GOMES, Taiza da Silva<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O aumento alarmante da violência no setor educacional alavancou estudos sobre um problema antigo: o *Bullying*. O presente trabalho foi desenvolvido a partir da preocupação em como esse recorte da violência agredia a aprendizagem e qual o papel dos três eixos – família, escola e sociedade – em não ser condicionantes desse mal, mas opositores dele. Constatou-se, por meio de pesquisa realizada no município de Alagoa Grande, estado da Paraíba, que o *Bullying* apesar de estar em alta na sociedade da informação, na mídia e nas escolas, ainda precisa de políticas públicas que abranjam os danos causados por essa prática, incluindo a orientação devida às escolas e aos profissionais de como conviver e combater este problema. O primeiro passo já foi dado, que é admitir a existência desse mal no âmbito escolar. Acredita-se que com projetos e políticas participativas entre família, escola e sociedade esse mal possa ser amenizado e/ ou banido do meio escolar, para que essa violência velada, responsável por doenças psicológicas em jovens seja combatida, permitindo uma educação, digna sem medos e traumas e uma aprendizagem qualitativa.

**PALAVRAS- CHAVE:** *Bullying*. Escola. Família.

### **INTRODUÇÃO**

Em meados do século IX e início do século XX a violência foi tomando parte dos estudos sobre os males que afetavam a educação. Assim, o aumento alarmante da violência, a mudança em seus aspectos, tais como a queda no índice de aprendizagem, isolamento social, prática da violência entre pares, suicídio, veio a despertar o interesse dos estudiosos como Dan Olweus, evidenciando um novo tipo de violência e espalhando o estudo para vários países americanos. Desta forma, surgiu o bullying, temática de grande discussão nos enfoques atuais da mídia.

Fatores condicionantes para que a violência se instaurasse foram, entre outros, as diferenças sociais, intelectuais, ideológicas, econômicas e culturais, que acirram ainda mais uma sociedade capitalista baseada na competição e tudo isso é refletido de forma muito

---

<sup>1</sup> Aluna graduanda do curso de licenciatura plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III – Guarabira. taizagomes87@hotmail.com

intensa na escola através das relações pessoais, da vivência entre os jovens e suas práticas competitivas e violentas.

O *bullying* veio acentuar ainda mais uma sobreposição de poder já existente na sociedade, aonde existe dominante e dominado, porém neste tipo de violência a dominação é psicológica, física e moral. São relações de poder baseadas na intenção de denegrir, humilhar, silenciar, com atos violentos que se repetem, afetando em primeira mão a psique do indivíduo.

Os aportes teóricos deste artigo estão alicerçados na teoria da autoestima na aprendizagem, da autora Parolin (2005), que defende que a autoestima é fator condicionante da aprendizagem, sendo a família e a sociedade contribuintes para a formação do sujeito e de sua identidade, assim como são pilares para construção de um indivíduo bem resolvido em seus aspectos subjetivos. Logo, temos uma pessoa que dificilmente se faria vítima dessas agressões e que não teria sua aprendizagem afetada.

O interesse pelo objeto de estudo que norteou este artigo, deu-se no cotidiano e nas observações durante o período de estágio supervisionado II. Nas intervenções, enquanto estagiária, período em que muitas dúvidas foram surgindo. Este artigo foi construído a fim de trazer o conceito de *bullying* e as respostas quanto ao aumento notório da violência nas escolas entre as crianças, à mudança que apresentavam na forma de agredir e como aspectos principais, o déficit na aprendizagem, a falta de atenção, os comportamentos adotados causados por esta prática e como poderíamos combater esta violência através da atuação integrada entre escola e família diante dessa realidade.

## **2 CONHECENDO HISTÓRICAMENTE O TERMO *BULLYING***

O objeto de pesquisa deste artigo que é o *bullying* na escola, não apresenta uma data específica para o seu surgimento. Supõe-se de acordo com alguns autores, os quais serão citados a seguir, que o mesmo tenha surgido junto com o aparecimento da escola como instituição, por ser um fenômeno que se evidencia de forma intensa neste setor. Não existe um só motivo para o acontecimento do *Bullying*, este tem ligação com aspectos “multiocasionais”.

[...] muitas vezes por conta da rotina de trabalho dos pais, a educação dos filhos é repassada para outras pessoas. Essa transferência de responsabilidade pode afetar a noção de valores como respeito mútuo, diálogo, solidariedade, justiça, e esse fato podem estar promovendo o aumento da violência no espaço escolar (ARAÚJO; SILVA, 2011, p. 2).

Vários artigos publicados, revistas e livros apontam que o *bullying* surgiu como objeto de estudo nas décadas de 1970, na Suécia e Dinamarca. Mais tarde, propriamente dizendo na década de 1980, a Noruega desenvolveu uma pesquisa sobre esse termo, que ganhou espaço devido ao crescente índice de violência escolar, expandindo o estudo para vários países europeus.

O primeiro a relacionar a palavra ao fenômeno foi Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega. Ao pesquisar as tendências suicidas entre adolescentes. Ele descobriu que, a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e que, portanto, *bullying* era um mal a combater (CAVALCANTE, 2004, p. 60).

Essa prática mal intencionada de atitudes degradantes ao ser humano, não segue um roteiro de onde e como acontece, ela pode atingir a qualquer um, de qualquer classe. Porém, suas manifestações são mais bem visualizadas na escola.

Isto porque, é no ambiente escolar que o *bullying* se manifesta com maior intensidade, não desmerecendo o âmbito familiar e social. No entanto, sendo a escola a instituição onde promove o maior contato entre crianças, adolescentes e adultos, por uma considerável parte do tempo, é vulnerável a essas práticas que, na maioria das vezes, podem advir do próprio meio familiar e social.

A preocupação com a violência no ambiente escolar emergiu nos estudos acadêmicos brasileiros a partir da década de 1980, ou seja, parece que a preocupação com a barbárie e o compromisso com uma educação contra a violência são ainda muito recentes no Brasil – apenas 26 anos. (SPOSITO 2001 *apud* ANTUNES 2008, p. 33).

Este assunto se tornou foco, recentemente no Brasil através da mídia e dos estudiosos e isso se atribui a diversos fatores, como a violência escolar sendo percebida por outros ângulos que não a limitassem, já que agora surgia o envolvimento com a castração da moral psicológica, atos covardes e silenciosos entre alunos, o déficit de aprendizagem promovido por tais violências, o difícil diagnóstico, a confusão na formação da personalidade do ser como sujeito social, entre outros fatores.

[...] o tema chegou ao Brasil no fim de 1999 e início de 2000. Esses estudos foram provocados pelo aumento do número de suicídios entre crianças e adolescentes, especialmente na Europa. As pesquisas buscavam suas principais causas encontrando entre elas os maus tratos praticados por parte dos companheiros da escola (FANTE; PEDRA, 2008, p. 35 -36).

E acreditamos também que, por estarmos na sociedade da informação, com o crescimento do ensino e da educação, naturalmente tenha proporcionado, em igual escala, os problemas sofridos pelo setor educacional.

A democratização do ensino determina não só um crescimento quantitativo nas matrículas, mas, igualmente, a diversidade sociocultural do aluno. Em decorrência, agravam-se os problemas a serem enfrentados pelas escolas, principalmente quando se trata de garantir a todos os alunos a aquisição de um conjunto básico comum de conhecimentos e habilidades indispensáveis ao cidadão (DAVIS; OLIVEIRA, 2010, p. 15).

Atualmente, o estudo da violência no Brasil tem 32 anos e do fenômeno *bullying* tem 13 anos. Sabe-se que a violência escolar é algo que vem desde o surgimento da escola, como já foi mencionado, que os atos intitulados como violentos são vários e acontecem da mais variadas formas, tais como: pichação do muro escolar, vandalismo, briga de gangues por envolvimento com drogas, agressividade com o professor, etc. Em tempos mais atuais, seguindo ideias do autor Sposito, a agressividade entre companheiros de escola e destes com os profissionais do setor educacional chamou a atenção para o estudo mais aprofundado desta violência.

É de fundamental importância que a escola não seja passiva a tal agressão, mas que desempenhe seu papel de agente de transformação e, em primeiro lugar, reconheça que o *Bullying* está presente na educação, partindo assim para adotar políticas e projetos que o combatam.

Segundo o programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes, realizado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) (2005), essa prática trata-se de:

Um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrita a nenhuma instituição: primária ou secundária; pública ou privada; rural ou urbana. Pode-se afirmar que as escolas que não admitem a ocorrência de *bullying* entre seus alunos, ou desconhecem o problema, ou se negam a enfrentá-lo.

Por isto, é preciso um olhar atento tanto dos educadores, quanto da escola sobre as crianças. É necessário o reconhecimento dessa violência, que só é possível a partir do conhecimento da mesma.

O *Bullying* pode ser muito confundido com indisciplina, malcriação e desvios de valores, porém, o que difere esses comportamentos do fenômeno estudado é a postura das



crianças, adolescentes e adultos, apresentando baixa autoestima, indícios de depressão e timidez. Outra característica relevante é a repetição dos atos com uma mesma vítima. A violência entre pares é o aspecto mais comum deste fenômeno que atormenta a educação atualmente. Na verdade, na maioria dos casos, as vítimas são silenciadas pelo medo, ou apresentam reações revoltosas.

O aumento alarmante da agressividade e os aspectos acima citados foi o que despertou estudiosos para a pesquisa e ligação com essa violência do *Bullying* que hoje atinge o conhecimento mundial.

## 2.1 BULLYING: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

Segundo Botelho e Souza (2007, p. 59) ao definir *Bullying* e suas consequências, eles afirmam que:

Hoje, sabe-se que essa forma de violência, não visualizada, vem se difundindo e alcançando proporções preocupantes. Por exemplo, quem já não foi vítima de apelidos pejorativos constantes, de brincadeiras agressivas na época escolar e de ser perseguido por alguns colegas, aparentemente sem justificativa alguma? Com isto, muitas crianças, perseguidas e rotuladas negativamente, são excluídas de brincadeiras, de times de futebol, de grupos de trabalho da escola, de círculos de amizades, guardando assim, lembranças negativas da época escolar. Este tipo de violência denomina-se *bullying*

Conceituando o termo *Bullying*, Fante (2005, p. 55) diz que “o termo refere-se a uma situação na qual um indivíduo ou um grupo de indivíduos atormenta, hostiliza ou molesta outro(s). Pode ser traduzido como tyrannizar, oprimir, amedrontar, intimidar, humilhar”.

Essa violência, que tem como características fortes a intencionalidade por parte do agressor e a repetição desses atos contra as vítimas, ainda como sua característica a intenção de ferir, procurando sempre pessoas que, por algum motivo, sentem-se indefesas, física ou psicologicamente e pouco seguras quanto à imagem que tem delas próprias, diferencia-se assim da indisciplina e mau comportamento. Atinge a todos os âmbitos, como já foi citado, sociedade, família e escola.

O *Bullying* é um termo em inglês, que não tem uma tradução específica para o português, mas seu significado está ligado ao uso, por uma pessoa ou grupo de pessoas, da superioridade física ou intelectual para intimidar alguém de maneira repetitiva. Esse comportamento autoritário causa um sentimento de rejeição, abandono e preconceito, podendo ocasionar graves problemas emocionais na vida da vítima (ARAÚJO; SILVA, 2011, p. 2).

Tendo em vista o que disse o autor acima, sabe-se que essa violência causa um sentimento de rejeição, baixa autoestima e isolamento por parte da vítima e que esses pontos afetam, em primeira mão, a psique humana, sendo assim responsável pelo déficit na aprendizagem.

Apesar das agressões na escola serem muitas vezes diagnosticadas como fases da criança e indisciplina, quando relacionado ao *Bullying* é uma ação castradora da moral física e psicológica. Não é uma brincadeira, pois, ocorre exclusão de alguns e a intenção de maltratar de outros, denegrir, humilhar, e envergonhar. Em casos mais sérios, ferir o outro de forma física levando a traumas irreversíveis, ou de forma psicológica, chegando ao extremo dos casos que é o desapareço à vida, onde a vítima é capaz de cometer suicídio. Assim, pode-se excluir dessa prática qualquer ligação com o “brincar”, que é lúdico e divertido a todos os envolvidos.

As brincadeiras acontecem de forma natural e espontânea entre alunos [...], no entanto, quando as “brincadeiras são realizadas” repletas de “segundas intenções” e de perversidade, elas se tornam verdadeiros atos de violência que ultrapassam os limites suportáveis de qualquer um. (SILVA, 2010,p. 13).

O mesmo autor descarta a possibilidade de esta violência ser uma brincadeira por haver nela intencionalidade de ferir, como já foi apontado neste artigo, é uma ação com a intenção de menosprezar a vítima, fazendo-a passar por situação constrangedora. Devemos lembrar que, não existem brincadeiras quando uma pessoa está sofrendo.

Esse fenômeno deve ser considerado crime, tendo em vista que a lei 2848/40 em seus artigos 146 e 147 do código penal da constituição Federal e também a lei 8069/90 do estatuto da criança e do adolescente, já garantem a punição para os atos que elencam essa prática, mas que não é de conhecimento de todos. Cabe então às escolas e a todas as pessoas que participam do processo educativo, esclarecerem que os danos causados por essa violência têm consequências que não são restritas apenas às vítimas, mas também aos agressores.

Como fundamentam Araújo e Silva (2011, p. 6) ao citar os referidos artigos do Código Penal da constituição Federal e a lei 8.069/90 do estatuto da criança e do adolescente, para mostrar que o *Bullying* além de uma prática degradante do psicológico e físico humano é um crime, os autores vêm dizer que:

[...] segundo a Constituição Federal, o Código Penal Brasileiro e o Estatuto da Criança e do adolescente, as práticas do bullying podem ser consideradas crime. Para confirmar o Art. 146 do Código Penal descrevem que

“Constranger alguém mediante violência ou grave ameaça ou depois de lhe haver ridicularizado, por qualquer outro meio a capacidade de resistência, é crime de constrangimento ilegal” (BRASIL, Lei 2848/40, Código Penal) [...] Outro artigo do Código Penal Brasileiro que merece destaque é o art. 147, pois nele está registrado que “Ameaçar alguém, por palavra, escrita ou gesto, ou qualquer outro meio simbólico, também é crime e o autor deverá responder na justiça”. (BRASIL, Código Penal). [...] Em linhas gerais, o Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8.069/90, nos artigos 5º e 17º, também aponta que nenhuma criança ou adolescente poderá ser objeto de negligência, discriminação, violência, opressão, além de ter o direito ao respeito e integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação de sua imagem, identidade, autonomia, valores e crenças, dos seus espaços e objetos pessoais. Portanto, as práticas de bullying podem ser consideradas como crime e precisam ser coibidas e combatidas por todos.

O *Bullying* é notoriamente um mal que afeta a educação desde muito tempo, mas a terminologia é tão atual quanto o reconhecimento desta violência como um crime, o qual precisa ser combatido através do auxílio e parceria entre escola, comunidade e família, contando nesta luta com a participação do governo, já que este serve ao interesse do povo e da sociedade e que os danos causados por esta prática atingem a essa conjuntura. Uma das formas de combate ao *Bullying* ainda é a percepção de que esses três âmbitos possuem um papel fundamental na educação e conscientização do indivíduo, que deve começar desde cedo.

É em família que uma criança constrói seu primeiro vínculo com a aprendizagem e forma o seu estilo de aprender. Nenhuma criança nasce sabendo o que é bom ou ruim e muito menos sabendo do que gosta e do que não gosta. A tarefa dos pais, dos professores e dos familiares é a de favorecer uma consciência moral, pautada em uma lógica socialmente aceita, para que, quando essa criança tiver de decidir, saiba como e porque esta tomando determinados caminhos ou decisões (PAROLIN, 2005, p. 56).

Seguindo as ideias da autora acima, através da interação, sujeito /sociedade / mundo é que as relações senso críticas vão sendo criadas e assim as noções individuais de valores na cabeça de cada pessoa. Essas noções vão possibilitar ao indivíduo a percepção do outro como ser humano que merece respeito.

O *Bullying* tem a característica de ferir e amedrontar as pessoas que se sentem excluídas por algum motivo e que aceitam essas condições. Sendo assim, através do estabelecimento de valores pessoais, o indivíduo torna-se menos vulnerável a essa violência, sendo capaz de enfrentar as diversas situações problemas, que venham a ocorrer em sua vida. No espaço escolar, faz-se necessário um trabalho de conscientização de que todos os alunos são importantes, dando apoio para que superem suas dificuldades e não se submetam a serem motivos de nenhum tipo de gozação.

## 2.2 BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: FORMAS, TIPOS E SUJEITOS

De acordo com a opinião de diferentes autores (a), como Lopes Neto e Saavedra (2003), Araújo e Silva (2011), Fante (2005), Antunes (2008), entre outros. Esta violência acontece de quatro formas que são: físicas, verbais, psicológicas e virtuais. Essas formas são caracterizadas por dois tipos de ações, as diretas e indiretas, como expõem Lopes Neto e Saavedra (2003, p. 18), ao dizerem que:

Existem dois tipos de ações no *bullying* que são as ações diretas: subdivididas em físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidos, insultos, atitudes preconceituosas). E as ações indiretas (ou emocionais): relacionam-se com a disseminação de histórias desagradáveis, indecentes ou pressões sobre outros, para que a pessoa seja discriminada e excluída de seu grupo social.

No contexto escolar, é mais comum ver essa violência sendo expressa nas formas físicas (bater, chutar e ferir o outro fisicamente) e verbais (apelidos e insulto que desmoralizam e agridem), ou seja, nas ações diretas.

Concordando com a ideia dos autores acima, Araújo e Silva (2011, p. 4) acrescentam que o uso dos tipos de *Bullying* varia de acordo com a sexualidade da criança, ao dizer que:

O *Bullying* acontece de duas maneiras, a primeira é direta; são apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar nas vítimas. Estudos mostram que são atos utilizados com frequência quatro vezes maior por meninos. O *bullying* indireto acontece quando as vítimas estão ausentes, por exemplo, difamações em grupo, intrigas espalhadas e etc., se baseia em atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos da vítima, sendo mais adotado pelas meninas.

Atualmente, existe uma nova forma de *Bullying*, que é a virtual. Confirmando esta ideia, Lopes Neto (2005, p. 66), diz que: “Uma nova forma de *Bullying*, conhecida como *cyberbullying*, tem sido observada com uma frequência cada vez maior no mundo”.

Devido à internet e mídias serem meio de comunicação de massa, onde as notícias se espalham com uma velocidade bem maior, os danos causados as vítimas desse tipo de agressão são ainda mais assustadores. Responsável por afetar a autoestima, através da imagem denegrada da vítima e do seu desgaste psicológico. O *cyberbullying* é considerado a forma mais difícil e velada desta violência, pois esconde seus autores, tendo em vista que esses atuam no anonimato das redes sociais e dos meios de comunicação.

Este novo formato vem tomando uma proporção assustadora e é chamado de *cyberbullying*. Ocorre através de telefone, internet e outros meios de comunicação tecnológicos. Nessa forma de bullying, a vítima sofre um prejuízo ainda maior, pois em muitos casos o agressor não é identificado, fato que prejudica o desfecho do caso, promovendo a agravação do problema. No *cyberbullying* os agressores se escondem [...] torna-se mais difícil de ser combatido, pois o espaço virtual é ilimitado (ARAÚJO; SILVA, 2011, p. 4).

Já foi claramente mencionado e debatido neste artigo que todos os âmbitos, como sociedade, família e escola, são responsáveis pelo combate a esse mal que se apresenta com tantas facetas, porém é sobre a influência que a escola e a família desenvolvem no indivíduo e na sua aprendizagem que iremos nos deter. Sabendo que, a escola é um dos meios de alerta e uma forma eficaz de conscientização, já que esta é responsável pela humanização e transformação do ser, ampliando o conhecimento prévio das crianças e formando cidadãos com senso crítico, capazes de atuar como sujeitos de suas vidas, sabendo respeitar o próximo.

É preciso uma atuação em conjunto contra o *Bullying*, que é um assunto delicado, sendo necessário um olhar atencioso por parte dos profissionais da educação para não ser confundido com brincadeiras de má intenção. Ao falar da postura tida pelos profissionais e pelo setor educacional para com os alunos, Davis e Oliveira (2010, p. 119) fazem a observação:

[...] na escola a crença de que ‘é de pequenino que se torce o pepino’. Como resultado manifestações consideradas como sinais de indisciplina, malcriação e arrogância são sempre entendidas pelo professor como expressões que pretendem, antes de mais nada, agredi-lo, contestar a sua autoridade e perturbar o bom andamento da classe. É possível, no entanto, que elas tenham outros significados no universo de valores infantis.

Tão importante quanto a postura da escola, é o papel que o professor e gestor desempenham mediante esse fenômeno. Sendo um recorte da violência que tem atingindo em números alarmantes a educação, é necessário o cuidado no diagnóstico para que o termo *Bullying* não seja banalizado, devido a fatores condicionantes como a falta de preparo e conhecimento dos educadores para lidar com essas situações e a falta de visão da gestão democrática no ambiente educacional. Tornou-se comum ver casos de maus tratos, agressões físicas e psicológicas em nosso cotidiano e com pessoas do nosso convívio. Deixar fatos como estes passarem impunes, tanto como profissionais, quanto como pessoas comuns, e não lutar contra esse mal é estarmos sendo relapsos ou passivos a essa violência.

Por isso nossa insistência de que será preciso um olhar atento de educadores em geral a casos de *bullying*, primeiro, porque não estamos acostumados a lidar com os problemas de nossos alunos que não nos afetam diretamente e, segundo, porque há um grande sofrimento de alguém em jogo. (TOGNETTA; VINHA, 2008, p. 7).

Diante das palavras ditas, é preciso que o educador tenha uma postura diferenciada com seus alunos, sem os generalizar, de forma que procure conhecer o que se passa por trás das atitudes tomadas por estas crianças, sem pré-julgamentos que sejam facilmente diagnosticados e aceitos pela escola, mas através da observação minuciosa. É importante também que a gestão atue de forma democrática, na visão de participação da comunidade e de todos os membros, alunos e funcionários, que compõe a instituição.

Sabendo que, quando se tratam de crianças e adolescentes, as suas ações nem sempre são o que parecem, um mau comportamento pode ser rebeldia, ou não. Os danos causados por essa prática são camuflados por jovens sorridentes, tímidos, quietos ou agitados.

Porém, é de fundamental importância observar quando esses comportamentos se manifestam em extremo, seja para mais ou para menos, como um indício de que a pessoa sofreu algum trauma. Podendo, no entanto, ser alvo (vítima), autor do *Bullying* ou até mesmo testemunhas (passivos a essa violência).

De acordo com Lopes Neto (2005, p. 166)

A criança ou adolescente podem ser identificados como vítimas, agressores ou testemunhas de acordo com sua atitude diante de situações de *bullying*. Não há evidências que permitam prever qual papel adotará cada aluno, uma vez que pode ser alterado de acordo com as circunstâncias.

Outro ponto relevante é o posicionamento da escola quanto ao *Bullying* quando este não é tratado de forma séria. A escola que é um local lúdico e de aprendizagem, responsável por proporcionar o prazer pelo saber, torna-se um lugar temido e rejeitado, com aspecto de prisão, onde tudo passa impune e as injustiças não são vistas.

Ainda seguindo as ideias de Lopes Neto (2008, p. 165), o queremos ver são as escolas como ambientes seguros e saudáveis, onde os potenciais intelectuais e sociais sejam desenvolvidos da melhor forma possível pelas crianças e adolescentes. O que não podemos admitir é que esses jovens sofram e testemunhem tais violências, sejam elas físicas ou psicológicas, e acabem por achá-las banais ou pior ainda, que se tornem agressivos, diante da omissão e tolerância dos adultos com o que acontece.

Quando autores conceituam *Bullying*, vemos diferentes formas de dizer que essa prática degradante não é uma brincadeira, mas sim uma agressão ao outro, que deve ser tratada com atenção, observação e muito cuidado.

*Bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying (FANTE, 2005, p. 28).

Ao analisar essa informação, vemos quanto sofrimento essas agressões causam para os sujeitos dessa violência. É no início da vida escolar que o *Bullying* se manifesta, no entanto é ao decorrer desta, que essas práticas se intensificam. No entanto, é preciso que a divulgação do tema, assim como as práticas de combate através de atividades político pedagógicas da escola, envolvendo os alunos e a comunidade, ocorra principalmente nas séries iniciais, pois seria uma forma eficaz de combater “o mal desde cedo”.

Se essa violência for combatida de forma prévia, evita que esse mal se alastre para a adolescência e fase adulta, tomando proporções e causando danos maiores a todos. Como faz referência Mobus (2010 *apud* BOUTH; SOUZA, 2011, p. 37) ao citar as consequências desse fenômeno para os envolvidos, afirmam que [...] “o *Bullying* acarreta sérias dificuldades do desenvolvimento psicossocial às crianças;” [...].

Os dois lados – agressor e alvo – sofrem com problemas de má expressão de agressividade, sendo de um lado o excesso e de outro a falta. Os alvos sofrem constantemente, pois são identificados como crianças inábeis em se defender. A testemunha, que na maioria das vezes está presente apoiando o agressor, também possui problemas de autoestima. O apoio na ridicularização do outro é uma forma de se defender, assim não vindo a ser o alvo. (MOBUS *apud* BOUTH e SOUZA)

Vemos nesta citação o quanto o *Bullying* acarreta problemas na psique do indivíduo e dificultam em primeira instância a sua socialização com o mundo, esse isolamento social afeta também a construção da aprendizagem, como veremos a seguir.

### 2.3 DANOS NA APRENDIZAGEM E MÉTODOS PREVENTIVOS

Podemos, então, dizer que, por essa nomenclatura ser recente e está ganhando espaço visual, atualmente, o *Bullying* ainda é divulgado em forma e proporção inadequada à violência social, escolar e aos desgastes que ele traz ao desenvolvimento psicossocial do ser humano.

Essa violência afeta o desenvolvimento psicológico, físico e humano da criança, além da notória redução em sua capacidade de socialização e aprendizagem.

Um forte sentimento de insegurança os impede de solicitar ajuda. São pessoas sem esperança quanto às possibilidades de se adequarem em grupo. A baixa estima por si é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento. Alguns creem serem merecedores do que lhe é imposto. Têm poucos amigos, são passíveis quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Muitos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir para a escola, chegando a similares doenças. Trocam de colégio com frequência, ou abandonam os estudos (CRISTOFOLINI, 2009, p. 12 *apud* BOUTH; SOUZA, 2011, p. 40).

Diante do que foi lido, pode-se dizer que a estreita ligação que se faz do *Bullying* com os danos causados na aprendizagem, dá-se pelo fato de como este afeta, primeiramente, a psique do ser humano, causando um desestímulo em vários sentidos de sua vida, isolamento social, perda do interesse, baixa autoestima e como consequência déficit no ato de aprender.

Em consenso com essa afirmação, à aprendizagem é motivada pela autoestima que é responsável pelo processo adequado de socialização do indivíduo com o meio. Durante este processo, é assertivo mencionar que o ser humano no ato de aprender, relaciona-se com o mundo, com o outro, com o meio, com as perdas e com os estímulos, por fim, o ser humano através deste contato, interioriza essa aprendizagem e cria a seu modo os seus valores, estes o nortearão na vida, desenvolvendo nele o respeito e o olhar recíproco com os problemas do outro.

Segundo Parolin (2005, p. 57), essa aprendizagem estimulada pela autoestima não se dá apenas pela escola, mas pela integração desta com a família que também é fator chave, auxiliando o indivíduo desde o início da vida na segurança e criação da sua identidade. Em suas palavras,

A autoestima é um sentimento desenvolvido ao longo da vida de uma pessoa e decorrente da qualidade das relações interpessoais a que ela está exposta. Constitui-se a autoestima centro da maioria das queixas relacionadas às dificuldades com a aprendizagem. Muitos pais e educadores esquecem-se do papel da autoestima no movimento de aprender e subestimam a sua importância.



Ainda na ideia da mesma autora, ao falar sobre o papel da família e da educação na estruturação da identidade do indivíduo, ela diz que os três âmbitos tem tarefas complementares. Sendo assim,

Cabe a família a tarefa de estruturar o sujeito em sua identificação, individuação e autonomia. Isso vai acontecendo à medida que a criança vive o seu dia-a-dia inserido em um grupo de pessoas que lhe dar carinho, apresenta-lhe o funcionamento do mundo, oferece-lhe suporte material para suas necessidades, contam-lhe histórias, fala sobre as coisas e os fatos, conversa sobre o que sente e pensa, ensina-lhe a arte da convivência. (*id*, PAROLIN, 2005, p. 47).

Porém, de acordo com a realidade brasileira, entende-se que nem sempre isto acontece, pois, vários fatores incidem sobre o papel da família, como as classes sociais. O panorama social é em sua maioria de famílias carentes, ou classe media trabalhadora. Na primeira, a educação é tida como segunda opção, tendo em vista que, o sustento da família é prioritário tanto para os pais, quanto para os filhos, que trabalham em igual escala para se manterem em uma vida abaixo das condições normais. Enquanto na segunda, a educação e informação apesar de serem metas prioritárias, o trabalho e correria dos adultos não permitem um contato maior com as crianças, adequando-se assim ao pouco tempo disponibilizado pelos pais, o problema da segunda família é o contato, ou melhor, a falta dele.

O resultado desta situação social são crianças que com ou sem oportunidade, sentem-se carentes de afeto ou atenção familiar, buscando na escola suprir suas necessidades e carências. A escola, como o segundo lar dos jovens, deve estimular a aprendizagem e manter harmonia nas relações de convivência com todos os elementos da comunidade escolar e principalmente entre alunos.

Galdino (2009, p. 26) assevera que “a escola deve ser encarada como um ambiente saudável, onde a criança deve estudar aprender e fazer amigos. Mas, o que se percebe é que para alguns os atos de *Bullying* vem quebrando esse rótulo que a escola é o ‘segundo lar’”.

No entanto, não obtendo da escola o que busca, o aluno se frustra criando uma imagem negativa da sua vivencia educativa. O desestímulo de ir a escola, agora é explicado por ser um ambiente que não atende às suas expectativas. Tornam-se assim crianças vulneráveis quanto à construção da sua imagem e dos seus valores e, portanto, uma possível vítima, um agressor ou testemunha do *Bullying*.

A aprendizagem é um processo que perdura a vida inteira, porém se fragilizado pode acarretar danos permanentes. É preciso então o olhar cuidadoso por parte do educador, para

identificar o que dificulta este processo e não confundir problemas educacionais, fatores condicionantes da aprendizagem falha, ou até mesmo violência escolar com *Bullying*.

Não existe um único método para o combate deste tipo de violência, existem apenas ações preventivas como a conscientização deste problema, de grande enfoque educacional, através da mídia e meios de comunicação, dos projetos governamentais e da própria escola em suas atividades pedagógicas. Como um dos aspectos principais de combate a este mal está à integração entre família e escola. Tendo em vista que o ambiente familiar influencia em primeiro ato na construção da identidade, na autoestima e no processo de aprendizagem da criança.

Tão difícil quanto erradicar a violência no mundo, é eliminar o *Bullying*. Isso só pode ocorrer através da participação de todos, por meio de campanhas que permitam o envolvimento dos próprios alunos e diálogos que forneçam a estas informações necessárias para a prevenção desse mal, que assola não só o físico, mas a alma do indivíduo, causando danos irreparáveis e consequências a quem pratica.

Percebe-se, então, a importância ao combate desse mal que afeta, hoje em dia, de forma notória a educação, na vida de crianças e adultos. E que prejudicam de forma sutil e silenciosa o psicológico das crianças, adolescentes e de todos os envolvidos, trazendo consigo uma consequência de perda, de identidade, da moral, da estima e do ato fundamental a sobrevivência, que é o “aprender”.

### **3 METODOLOGIA**

Baseada na crescente violência, na mudança das relações pessoais, em como a sociedade e a família poderiam contribuir para amenizar os problemas educacionais que essa nova face da violência conhecida como *Bullying* traz, foi desenvolvida uma pesquisa em três etapas.

A primeira etapa consiste em uma pesquisa bibliográfica, com levantamento de dados, se utilizando de livros, artigos científicos, publicações em revistas, monografias e publicações diversas, a fim de trazer o conceito de *Bullying*, na visão de diferentes teóricos, os aspectos que o diferenciam de outros tipos de violência e a relação entre o tema estudado com o déficit na aprendizagem, para com isto poder realizar a fundamentação das ideias e embasamento teórico da pesquisa. A segunda etapa foi realizada através da observação direta que ocorreu durante o período de supervisionado II, possibilitando um contato maior com os alunos e a instituição referida, a fim de observar sobre o papel que a escola desempenha ao tratar deste

tema que exige tanto cuidado e conhecimento, para que não haja prognósticos e julgamentos errôneos. E a terceira constitui-se em uma pesquisa quantitativa, de análise de dados, onde foi realizada a aplicação de um questionário objetivo e direcionado com perguntas e justificativas (APENDICE A), que trouxe resultado à problemática central que era sobre a visão dos docentes e gestores e como atuavam em conjunto com a família mediante esse problema.

Durante a construção desse artigo questionamentos nos intrigavam como, porque as crianças estão cada vez mais violentas? O que está por trás desta violência? Porque houve queda nas queixas das crianças sobre atos violentos na mesma medida em que se apresentam cada vez mais desmotivadas ao aprendizado, a sala de aula e a escola? E será que a escola como um todo visualiza essas mudanças na violência escolar?

Motivados pelo déficit de atenção e aprendizagem que foram visualizados durante o período de estágio II, o comportamento reprimido de alguns alunos e violento de quase todos, foi que resolvemos pesquisar mais a fundo sobre *Bullying*, uma agressão que afeta o psicológico da indivíduo, causando baixa autoestima e queda do rendimento escolar, mascarada de sutilidade, mas com crueldade em seus atos, cujas consequências não se expressam de forma notória, mas requer um olhar crítico e cuidadoso de todo corpo docente de uma escola.

Sabendo que, vários fatores, externos e internos incidem sobre o comportamento do jovem e que a criança em si já traz uma gama de explicações que a psicologia vem desvendar. Foi necessário um trabalho cuidadoso para não banalizar um assunto que estava em foco atualmente.

Os sujeitos da pesquisa foram o corpo docente e a gestão da escola Ana Elisa, localizada no município de Alagoa Grande – PB. O questionário foi aplicado através do consentimento dos mesmos.

#### **4 ANÁLISE DE DADOS**

A pesquisa quantitativa realizada na escola Ana Elisa, no município de Alagoa Grande-PB, apresentando como sujeitos o corpo docente e gestão da presente escola, referente ao ensino fundamental I e II, apontou que 90 % do corpo docente sabem o que é *Bullying* e 10% já ouviram falar. Ou seja, a escola apresenta um índice satisfatório quanto ao conhecimento do problema atualmente enfrentado, o *Bullying*.

O bullying pode variar em seus índices considerando cada realidade escolar. Isso decorre do conhecimento da situação e da postura que cada instituição de ensino adota, ao se deparar com casos de violência entre alunos [...] (SILVA, 2010, p. 118).

A princípio, a instituição deve reconhecer a existência do problema, assim como conhecer sobre o mesmo, para que, a partir disto, possa desenvolver medidas preventivas para o combate dessa prática.

Quanto à manifestação de atos de *Bullying* presenciados em sala ou na escola, foi detectado que 50% dos profissionais afirmaram ter presenciado casos, enquanto 50% afirmaram saber que o problema existia na referida escola, porém nunca presenciaram. Em uma das falas do grupo que presenciou, a docente que chamarei de P1 expos o seguinte caso, “Os meninos colocaram um apelido em uma das alunas. Eles a apelidaram de Pit Bull porque ela apresentava o formato do rosto fino e isso causou muitos problemas a essa menina que chorava muito e apresentava um comportamento tímido” (informação verbal) <sup>2</sup>.

Essa violência tem como característica o sofrimento silenciado, pois na maioria das vezes os agressores atuam longe da presença e dos olhares dos adultos, nos intervalos, dificultando assim o diagnóstico, necessitando do olhar cuidado e da percepção da escola.

Um lado muito preocupante ainda é o quanto o sistema educacional está envolvido com o problema desta violência. Em relação à escola Ana Elisa, 100 % dos profissionais, sendo docentes e gestão, negaram a presença de ações de combate ao *Bullying* no ppp da escola, no entanto, o mesmo índice afirmou utilizar em sua prática atividades pedagógicas e projetos que proporcionam o combate a essa prática. A interação e socialização dos alunos foi o aspecto central dessas atividades, através das dinâmicas com ludicidade e diálogos em sala que ressaltam os valores, tais como solidariedade e respeito mútuo, boa convivência e respeito às diferenças. Ainda quanto às ações preventivas, em relação ao PPP da escola, foi de fundamental importância à fala da docente que chamarei de P2, que disse “Apesar da ausência de uma prática efetivada no PPP, a nossa escola realiza reuniões de pais e mestres e de representantes das comunidades para que possamos debater sobre o assunto, atividades que permitam a interação entre escola e família, rodas de diálogos dos professores em sala e

---

<sup>2</sup>Informação concedida pela docente, que chamamos de P1, sobre casos presenciados de *bullying*, em resposta ao questionário que segue no apêndice A.

exposição de vídeos e cartazes produzidos pelos próprios alunos na escola” (informação verbal)<sup>3</sup>.

Porém, é inegável o quanto essa face da violência afeta psicológica e moralmente o aluno tornando este reprimido e desestimulado, assim, a nossa preocupação enquanto pesquisadores foi a de sabermos se os docentes e a gestão da referida escola consideravam que o *Bullying* afetava a aprendizagem do aluno e 100% dos profissionais afirmaram que sim. Justificando que isto acontece por ser uma prática desumana, capaz de machucar em longo prazo o indivíduo, afetando a sua concentração, causando no mesmo desinteresse no desempenho educacional, problemas na socialização e integração na aprendizagem escolar. Foram colocados também, os danos diretos que o *Bullying* causa a autoestima, promovendo a desmotivação, visão negativa da escola e traumas emocionais sérios.

Podemos, então, ver que essa prática é um crime, um mal a ser combatido e que precisa ser conhecida em conceito e reconhecida como existente no setor educacional, pois, só podemos vencer este mal através de uma educação voltada para integração família /escola como comprovado na pesquisa, atuando em conjunto para erradicação desta violência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo realizado mostrou que apesar de crescente a divulgação e o estudo sobre o *Bullying*, este ainda ocorre em escala desigual aos danos causados, o que nos impossibilita de possuímos uma visão global do assunto, comparando-o a outros países.

Podemos, então, dizer que por essa nomenclatura ser recente e estar ganhando espaço visual, atualmente, o *Bullying* ainda é divulgado em forma e proporção inadequada à violência social, escolar e aos desgastes que ele traz ao desenvolvimento psicossocial do ser humano. Mas, devemos entender que como todo tema “novo”, as mudanças no cenário escolar e na forma de se gerir e fazer educação ocorre de forma lenta.

É necessário ter em mente o processo histórico educacional ao qual também estamos inseridos, advindos do tempo ditatorial, onde educação era um sistema rígido e ostensivo, o caráter principal era moldar os alunos através da repressão as suas ideias, ao seu pensar, a sua liberdade, tendo em vista que liberdade e forma de expressão não eram sequer consideradas, pois ao ver do sistema e da conjuntura de estado social que se vivia, liberar a participação de

---

<sup>3</sup>Informação concedida com a docente, que chamei de P2, sobre as ações de combate ao *bullying* através de meios utilizados na prática pedagógica e pela interação família e escola, em resposta ao questionário que segue no apêndice A.

*outrem* no processo de educar seria não controlar este mesmo processo e o não controle, levaria a uma desorganização do sistema, estado, igreja e escola, causando desajuste da ordem, do *status quo*.

Consideramos que, mesmo com os aspectos sócias, o processo histórico, cultural, econômico, sem contar com os aspectos subjetivos do indivíduo dificultando a erradicação desta violência. Sabe-se que o mesmo só pode ser feito através da interação e do trabalho conjunto entre escola e família, para o combate a essa prática. É preciso uma transformação educacional, uma reeducação dos hábitos familiares e da práxis pedagógica, visando promover uma formação humanizadora do indivíduo. Para tanto, é necessário à capacitação promovida pelo sistema educacional, para que existam profissionais capacitados para lidar com o combate a essa prática, caso contrário, as atividades desenvolvidas se tornam vagas, não atendem a uma realidade, não ultrapassam os muros da escola.

Por consequência disto, a criança reproduz de forma negativa na escola o que acontece fora dela. É necessário promover uma reintegração dos valores, portanto, não tem como trabalhar *Bullying* restrito ao espaço escolar, deve ser antes de tudo trabalhado de forma integrada com a família o que é das crianças por direito, que é o afeto, a autoestima, a felicidade necessária para que o processo de aprendizagem, tanto educacional quanto natural ocorra de forma qualitativa e válida.

Assim, percebemos que durante a coleta de dados e investigação dos casos de *Bullying* em Alagoa Grande, os projetos que foram desenvolvidos de forma a aliar a família, a escola e a comunidade de modo geral, foram aqueles que surtiram efeito positivo, comprovando que as hipóteses que foram levantadas logo no início, além de terem fundamento, tiveram grande aceitação na comunidade escolar. Não é fácil tratar de um problema como o *Bullying*, principalmente com crianças e adolescentes, entretanto, é possível realizar uma política de conscientização entre aqueles que fazem parte da comunidade educacional, uma vez que como já foi dito: a escola é a segunda casa da criança.

Podemos, então, perceber diante de tudo o que foi exposto que o *Bullying* é uma violência além de física, moral e intelectual, que atinge diretamente a autoestima da criança e do adolescente acometido por esse mal

## ABSTRACT

The alarming increase of violence in the educational sector boosted studies on an old problem: *Bullying*. This work was developed from the concern about how this crop of violence abused her learning and the role of the three axes - family, school and society - not to be determinants of this evil, but his opponents. It was found, through research conducted in

the city of Alagoa Grande, Paraíba state, that Bullying despite being high in the information society, the media and schools still need public policies that cover damage caused by this practice, including the orientation due to professional schools and how to live and fight this problem. The first step has been taken, which is to admit the existence of evil in the school. It is believed that with projects and participatory politics among family, school and society this evil can be mitigated and / or banned from the school, for that concealed violence, responsible for psychological disorders in young people is dealt with allowing an education worthy without fear and trauma and a qualitative learning.

**KEYWORDS:** *Bullying*. School. Family.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, D.C; ZUIN, A.A.S. Do *Bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008.

ARAÚJO, Carla Patrícia da Silva; SILVA, Luciana Rios da. Bullying na escola: essa brincadeira não tem graça. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL-EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 5, 2011. **Anais**, São Cristovão, 2011.

Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA). **Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes**. RJ, 2005. Disponível em:<[www.bullying.com.br/BConceituacao21.htm](http://www.bullying.com.br/BConceituacao21.htm)> Acesso em: 23 abr. 2012.

BOTELHO, Rafael Guimarães; SOUZA, José Mauricio Capinussú. Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, n. 139, dez. 2007.

BOUTH, Nonato de Souza R; BOUTH, de Souza V. Bullying: a Intensidade e frequência da prática relacionada com o gênero do autor. **Rev. Int. Investig. Cienc. Soc.** v. 7, n. 1; p. 29-60, jul. 2011.

CAVALCANTE, Meire. Como lidar com brincadeiras que machucam a alma. **Revista Nova Escola**, n. 178, v. 19, dez. 2004.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas, SP: Versus,2005..

FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GALDINO, J. **Bullying: vamos mudar essa atitude**. São Paulo: Noovha América, 2009.

LOPES NETO A.A, SAAVEDRA LH. **Diga não para o bullying – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

LOPES NETO A.A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. Rio J: n. 5, v. 81, p. S164-S172, 2005.

PAROLIN, Isabel. **Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2005.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 87-103, 2001.

TOGNETTA, L.R.P.; VINHAT. P. Estamos em conflito, eu comigo e com você: uma reflexão Sobre o bullying e suas causas afetivas. In: CUNHA, J.L.; DANI, L.S.C.: **Escola, conflitos e violências**. Santa Maria: Ed. Da UFSM. ISBN 9788573911107.

## APÊNDICE A

### QUESTIONÁRIO REALIZADO COM DOCENTES E GESTORES PARA A PESQUISA QUANTITATIVA<sup>4</sup>

ESCOLA ANA ELISA, MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE – PB.

NÍVEL FUNDAMENTAL I E II

Análise de dados realizados com: docentes e gestão.

01. Você sabe o que é *bullying*?

SIM

---

<sup>4</sup> Os sujeitos da pesquisa foram docentes e gestores da escola Ana Elisa, localizada no município de Alagoa Grande-PB. O questionário aplicado foi realizado com o consentimento dos mesmos, porém optei por manter suas identidades preservadas.



NÃO

JÁ OUVI FALAR

02. Você como educador ou gestor já presenciou em sua sala de aula/ escola atos de *BULLYING*?

SIM

NÃO

SE VOCÊ PRESENCIOU, FALE SOBRE ALGUM CASO? (OPCIONAL)

---



---



---

03. A escola apresenta em seu ppp algum projeto de combate ao bullying?

SIM.

NÃO.

04. Você como educador ou gestor utiliza em sua prática atividades e projetos, que proporcionem o combate a essa violência?

SIM

NÃO

SE VOCÊ FAZ USO DE ATIVIDADES QUE COMBATAM O *BULLYING* EM SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA, CITE QUAIS ATIVIDADES?

---



---



---

05. Você acha que o bullying afeta na aprendizagem escolar?

SIM

NÃO

SE ACHAR QUE SIM, COMO ESSA PRÁTICA AFETA?

---



---



---